SEMANA TEOLÓGICA DA UNICAP

O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO A PARTIR, E NÃO APESAR, DA FÉ

Faustino dos Santos [*]

RESUMO

Não é o pluralismo a forma possível de acolher os outros, mas o próprio Jesus Cristo que não viveu em função dele mesmo, mas em função do Reino de Deus, que tem como característica essencial a justiça aos pobres e ao mundo. Num contexto de mudanças radicais das estruturas de sentido, as religiões são ameaçadas na sua credibilidade e perpetuação. Ao passo que a laicidade aumenta, cresce também as ofensivas elucubradas à diversidade religiosa, muitas vezes protagonizadas pelas próprias religiões. O cristianismo enquanto religião histórica e, por isso, limitada, não esgota o mistério de Deus. Como consequência disso, ele se abre à riqueza de Deus presente nas outras religiões. É a imagem do Reino de Deus possível a todos, presente de modo particular em cada uma delas, porém não esgotada.

Palavras-chave: Pluralismo. Diálogo Inter-Religioso. Cristianismo. Religiões.

Introdução

Esse artigo tem a finalidade de apresentar que, embora se deva reconhecer e respeitar a diversidade cultural e religiosa, do ponto de vista cristão, não é o pluralismo a forma possível de acolher os outros, mas o próprio Jesus Cristo que não viveu em função dele mesmo, mas em função do Reino de Deus, que tem como característica essencial a justiça aos pobres e ao mundo. Sendo assim, se o próprio Jesus Cristo enquanto revelação plena e definitiva de Deus é uma realidade descentrada, então o cristianismo que quer se constituir como seu corpo histórico deve tomar como referência o mesmo princípio, descentrando-se do perigo da autoreferencialidade e abrindo-se à pratica do Reino de Deus que acolhe e respeita as diferenças e que se consome na promoção da justiça e da paz, sobretudo aos necessitados.

[*] Mestrando em Teologia pela Universidade Católica de Pernambuco. Bacharel em teologia pela Faculdade Católica de Fortaleza e Licenciado em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco. E-mail: faustinosantos17@gmail.com.

1 O fenômeno da modernidade[1]

A vida sofre mudanças radicais constantemente e acaba criando novas constituições sociais no sentido de viver. Essas mudanças são detectáveis mais facilmente a partir do advento da modernidade, onde os reservatórios de sentido[2] adquirem novo grau de coerência. A vida, supra-ordenada pelas instituições mantenedoras de sentido, entra cada vez mais em desordem[3]. Há uma ampla concorrência sobre o estado de coisas em si, seja na ciência, na compreensão comum, o recuo da religião (enquanto fé em Deus)[4] etc.

Com a chegada da modernidade, o pluralismo ganha espaço. E falamos de pluralismo não "como formas de vida diferenciadas numa mesma sociedade"[5], mas como sujeitos ou grupos identitários que existem numa mesma sociedade mas não são regulamentados por uma prática de ação comum. Esse pluralismo, sem um espaço neutro de ação, gera concorrências e torna-se, conforme Peter Berger, a "razão básica principal da difusão das crises subjetivas e intersubjetivas de sentido"[6].

Aliado ao pluralismo, ganha corpo a teoria da secularização que acredita na extinção da influência religiosa na vida das pessoas. Embora isso em grande parte tenha acontecido sobretudo nos países tidos como de primeiro mundo, a extinção da religião como estrutura de sentido não foi constatada "nos países tidos como de terceiro mundo [que] estremece literalmente sob o ímpeto dos movimentos religiosos"[7]. Um exemplo é o renascimento islâmico e o protestantismo.

Frente a isso, podemos dizer como Berger que:

---

[1] Para contextualizar o fenômeno da pluralidade, nos utilizaremos sobretudo da obra "Modernidade, Pluralismo e Crise de Sentido" de Peter Berger e Thomas Luckmann da Vozes Editora, de 2004.

[2] Peter Berger e Thomas Luckmann na obra "Modernidade, Pluralidade e Crise de Sentido" define esses reservatórios de sentido como sendo mantidos por instituições organizadas (a exemplo das religiõs-morais) que regulamentam o agir social oferendo sentido e também ensinando, de modo doutrinal, o sentido que deve ser seguido na sociedade. Nessa transmissão de sentido não há espaço para opiniões subjetivas. "O sentido do agir e da vida é imposto como regra óbvia de conduta de vida, que a todos obrigada" (cf. BERGER, Peter L., **Modernidade, pluralismo e crise de sentido**: a orientação do homem moderno / Peter L. Berger. Thomas Luckmann; tradução de Edgar Orth. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2004. p. 23)

[3] Embora o próprio Berger não atribua à modernidade a novidade do colapso generalizado da ordem de sentido. Ele apresenta o Iluminismo e seus adeptos como aqueles que saudaram a desordem como prelúdio de uma nova ordem regida pela liberdade e pela razão. (cf. Ibidem, p. 46)

[4] Cf. Idem

[5] Cf. Ibidem. p. 37.

[6] Cf. Ibidem. pp. 38-39.

[7] Ibidem. p. 48

> talvez o fator mais importante no surgimento de crises de sentido na sociedade e na vida do indivíduo não seja o pretenso secularismo moderno, mas o moderno pluralismo. [Afinal,] modernidade significa um aumento quantitativo e qualitativo da pluralização[8].

2 Pluralismo: a arena das religiões

É nesse contexto de mudanças radicais das estruturas de sentido que as religiões são ameaçadas na sua credibilidade e perpetuação. Ao passo que a laicidade aumenta, cresce também as ofensivas elucubradas à diversidade religiosa, muitas vezes protagonizadas pelas próprias religiões. Cada religião quer vender seu "produto sagrado" e, para tal, se utilizam de todas as armas possíveis, ainda que sejam aquelas que ofendem a essência primordial da crença. Nessa arena de competitividade o homem religioso é conduzido a um abismo.

Edward Shillebeeckx afirma que "se a religião, como as pessoas que creem em Deus a experimentam a partir da compreensão que elas têm de si próprias [...], então todo abuso teórico ou prático da religião leva às mais cruéis desumanidades"[9]. Lutar por uma supremacia religiosa, de modo violento, sobretudo nesse contexto onde todas as religiões clamam por se expressar, "desfigura a alma da maioria das religiões"[10]. E quando surgem ameaças à dignidade do homem, então há uma negação do essencial da religião, como ressalta Faustino Teixeira, "uma religião que ofende e destrói o homem e a dignidade humana, nega-se a si mesma, e ao rebaixar o humano sintoniza-se com uma forma equivocada de crer em Deus"[11].

Conforme expressa Pedro Casaldáliga: "a religião é para a vida"[12], por isso nenhuma delas deve ser utilizada para justificar qualquer forma de violência, guerra, terrorismo ou maldade, pois assim haveria "incompatibilidade entre a verdadeira fé e a violência, entre Deus e os atos de morte"[13].

---

[8] Berger; Luckmann, 2004. p. 48.
[9] SCHILLEBEECKX, Edward. Religião e Violência**.** In: **CONCILIUM**. Religião – Fonte de violência? Petrópolis, RJ : Vozes. n. 272. Ano 1997. p. 170.
[10] Ibidem. p. 171.
[11] TEIXEIRA, Faustino. **Teologia das Religiões: Uma visão panorâmica**. Paulinas: São Paulo, 1995. p. 114.
[12] CASALDÁLIGA, Pedro. Prólogo. *In* TOMITA, Luiza; BARROS, Marcelo; VIGIL, José Maria. **Pelos muitos caminhos de Deus: Desafios do Pluralismo religioso à teologia da Libertação**. Goiás: Rede, 2003. p. 7.
[13] PAPA FRANCISCO. Encontro com as autoridades. **Viagem apostólica do Papa Francisco ao Egito** (28 - 29 de abril de 2017). Disponível em:

Essa afirmação serve, sobremaneira, ao Cristianismo que há muito na história se utilizou de um "dogmatismo terrorista"[14], promovendo um "imperialismo religioso e cultural", interpretando “a própria verdade e singularidade (que não se devem negar) amiúde como pretensão absoluta, pelo que todas as outras religiões foram consideradas de menor valor”[15].

Como, portanto, se livrar desse autoritarismo religiosos alçando um olhar otimista às religiões? Do ponto de vista cristão a resposta a essa pergunta encontramos em Jesus de Nazaré.

3 O diálogo inter-religioso a partir, e não apesar, da fé (cristã)

Ao afirmar que o diálogo ou o encontro das religiões se dá a partir da fé e não a pensar dela nos custa um tempo de assimilação. Normalmente se difunde que para estabelecer diálogo inter-religioso é necessário desconsiderar a particularidade das crenças. Mas, poderá haver diálogo entre as religiões se uma ou mais religiões não tiver clareza de si e da sua fé? Pedro Casaldáliga nos responde dizendo que quando se fala de diálogo inter-religioso (ou macroecumenismo[16]),

> não se trata de colocar as Religiões numa reunião para que discutam pacificamente sobre religião, ao redor de si mesmas, narcisicamente. O verdadeiro diálogo inter-religioso deve ter como conteúdo e como objetivo a causa de Deus, que é a própria humanidade e o universo. Na humanidade a causa prioritária é a grande massa empobrecida e excluída; e no universo, a terra, a água e o ar profanados. A justiça e a ecologia, a liberdade e a paz. A vida[17].

Se adentramos ao cerne da fé cristã podemos encontrar as razões para justificar o diálogo entre as religiões. Jesus de Nazaré, que os cristãos professam

<https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/april/documents/papa-francesco_20170428_egitto-autorita.html>. Acesso em 06 de maio 2019.

[14] SCHILLEBEECKX, 1977, p. 168.

[15] SCHILLEBEECKX, Edward. **História humana revelação de Deus**. São Paulo: Paulus, 1994. p. 211.

[16] Edênio Valle diz que esse termo surge em “um clima de protesto contra o perigo de se transformar o evento dos 500 anos da evangelização da América em uma comemoração ‘festiva’, circunscrita aos donos do poder e correndo sério risco de esquecer todas as atrocidades que as sucessivas dominações – desde a ‘conquista’ – trouxeram consigo para milhões e milhões de pessoas em que surge”. (VALLE, Edênio. Macroecumenismo e diálogo inter-religioso como perspectiva de renovação católica. **Revista de Estudos da Religião.** n. 2. Ano 2003. pp. 56-74). O termo surge exatamente na primeira Assembleia do Povo de Deus realizada em Quito no Equador em 1992 e foi defendida e justificada por Pedro Casaldáliga.

[17] CASALDÁLIGA, Pedro. op. cit., p. 7

como o Cristo e acreditam ser a plenitude da revelação de Deus, apresenta um Deus misericordioso com a humanidade que espera a salvação. Ele faz isso a partir de uma contingência histórica. Isto é,

> os cristãos professam que "a plenitude de Deus habita corporalmente em Jesus", mas este habitar ocorre precisamente na humanidade de Jesus, e com isso dentro de um prisma limitado, inevitavelmente alienante e refrangente: é uma expressão de contingência, portanto do caráter limitado deste manifestar-se na plenitude de Deus na precariedade de nossa história[18].

Partindo da revelação de Deus em Jesus de Nazaré e reconhecendo que Deus se dá a partir de uma realidade contingente e limitada, abre-se a perspectiva para o reconhecimento que nas outras religiões existem elementos de verdade, bondade e beleza da harmonia religiosa com o divino. Afinal,

> existem verdadeiros, bons e belos – e surpreendentes – aspectos positivos e irredutíveis nas múltiplas formas de harmonia religiosa com Deus, também nas formas que não encontraram nem encontram lugar na vivência específica do cristianismo[19].

Outro elemento fundamental para justificar o diálogo dos crentes a partir de Jesus é perceber para onde a mensagem e a práxis de Jesus se direciona. Os ditos e feitos do homem de Nazaré são completamente voltados para o Reino de Deus. E, portanto, se Jesus, que é o normativo da fé cristã, foi descentrado de si, e nunca disse eu sou Deus! Essa excentricidade do acontecimento Jesus Cristo, ou seja, centrado em Deus e na realização do seu Reinado no mundo, é que, se assumido pela igreja, faz com que ela seja uma realidade descentrada se si mesma e aberta ao Reino.

O critério que legitima a verdade da religião cristã é, portanto, seu esforço por fazer a vontade de Deus que não faz acepção, mas quer apenas ser acolhido com sinceridade e a partir de sua singularidade. Isso serve para as demais religiões nas suas particularidades.

Sendo assim, "toda crença religiosa traduz um vínculo particular: uma forma de atar o mistério sempre maior a uma imagem específica [...]. Cada vínculo em particular expressa uma compreensão verdadeira, que capta um aspecto ou dimensão da realidade e da verdade, embora sempre limitado"[20]. Com isso chega-se

[18] SCHILLEBEECKX, 1997, p. 179. (Ver também: Idem, **História humana revelação de Deus**. 1994. p. 215).
[19] Ibidem
[20] SCHILLEBEECKX,1994, p. 215.

ao acordo que “a multiplicidade das religiões não é um mal que deva necessariamente ser abolido. São um mal, isto sim, as mesquinhas contendas entre elas e as guerras de religião”[21]. Afinal,

> existem diferenças no viver a relação com Deus que [...] não podem ser suprimidas. Mais ainda, existem diferentes práticas autenticamente religiosas, que nunca foram objeto de reflexão ou de prática por parte dos cristãos, e com as quais, talvez por causa dos enfoques especiais colocados por Jesus (o ‘jesuânico’), eles também não podem ocupar-se sem fazer violência a estes enfoques, sem empurrá-los para a periferia e sem retirar-lhes a acuidade profética própria de Jesus, o que em última análise constitui sua cristandade profética específica[22].

Tendo presente esses elementos e o fato de a normatividade da fé cristã ser delineada pelo projeto central de Jesus que é o reinado de Deus, “uma teologia cristã responsável deve manter a normatividade da cristologia”[23] levando em conta que “o caráter essencialmente dialogal do cristianismo constitui um desdobramento do núcleo da mensagem cristã: a manifestação de Deus na particularidade histórica de Jesus de Nazaré [...] que exclui qualquer pretensão totalitária para o cristianismo”[24]. É o reinado de Deus, ou seja, a essência divina da fé cristã, que coloca o cristianismo em relação sem comprometer sua identidade pessoal.

O cristianismo enquanto religião histórica e, por isso, limitada, não esgota o mistério de Deus. Como consequência disso, ele se abre à riqueza de Deus presente nas outras religiões. É a imagem do Reino de Deus possível a todos, presente de modo particular em cada uma delas, porém não esgotada.

“A questão da verdade do cristianismo não pode ser confundida com a questão da sua superioridade”[25]. Ou seja, a singularidade do cristianismo só poderá ser apreendida na relação, sem prescindir das religiões. Como diz Teixeira, citando Claude Gefré: “Viver a fé na era do diálogo inter-religioso ensina-nos a pensar o absoluto que reinvindicamos como um absoluto relacional, e não como um absoluto de exclusão ou de inclusão”[26].

CONSIDERAÇÕES FINAIS

[21] SCHILLEBEECKX,1997, p. 180.
[22] Idem. pp. 179-180.
[23] TEIXEIRA, Faustino. op. cit., p. 222.
[24] Idem
[25] Idem, p. 223.
[26] Idem

Desta feita, o encontro e diálogo entre as religiões pode ser estabelecido a partir e não apesar, da fé Cristã! Pois, não é o pluralismo em si - que apenas constata a diversidade religiosa sempre atual e cada vez mais autônoma - a forma possível de acolher os outros, mas o próprio Jesus Cristo que não viveu em função dele mesmo, mas em função do Reino de Deus que tem como característica essencial a justiça aos pobres e ao mundo. Nesse sentido, se o próprio Jesus Cristo enquanto revelação plena e definitiva de Deus é uma realidade descentrada, então o cristianismo que quer se constituir como seu corpo histórico deve tomar como referência o mesmo princípio. Para os cristãos, o critério para reconhecer Deus em outros é o acontecimento Jesus Cristo. Ele é a referência última com suas palavras e ações.

Além do mais, se dissermos que a salvação se dá apenas aos cristãos, negamos a liberdade salvadora de Deus, que não se esgotada na contingência religiosa (embora se aconteça nela). Deus se revela onde há acolhida da sua bondade e no compromisso com a transformação do ser humano e do mundo na conquista da justiça e da paz. O diálogo inter-religioso é autentico quando há compromisso com a verdade de Deus que é o seu Reino.

REFERÊNCIAS

BERGER, Peter L. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido**: a orientação do homem moderno / Peter L. Berger. Thomas Luckmann; tradução de Edgar Orth. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

CASALDÁLIGA, Pedro. Prólogo. *In* TOMITA, Luiza; BARROS, Marcelo; VIGIL, José Maria. **Pelos muitos caminhos de Deus**: Desafios do Pluralismo religioso à teologia da Libertação. Goiás: Rede, 2003. pp. 5-8.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. **O peregrino e o convertido**: a religião em movimento. Petrópolis: Vozes, 2015.

MOLTMANN, Jürgen. **Experiências de reflexão teológica**: caminhos e formas da teologia cristã. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

PAPA FRANCISCO. Encontro com as autoridades. **Viagem apostólica do Papa Francisco ao Egito** (28 - 29 de abril de 2017) Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/april/documents/papa-francesco_20170428_egitto-autorita.html>. Acesso em 06 de maio 2019.

SCHILLEBEECKX, Edward. **História humana**: revelação de Deus. São Paulo: Paulus, 1994.

SCHILLEBEECKX, Edward. Religião e Violência**.** In: **CONCILIUM**. Religião – Fonte de violência? Petrópolis, RJ : Vozes. n. 272. Ano 1997. pp. 168-185.

TEIXEIRA, Faustino. **Teologia das Religiões**: Uma visão panorâmica. Paulinas: São Paulo, 1995.

VALLE, Edênio. Macroecumenismo e diálogo inter-religioso como perspectiva de renovação católica. **Revista de Estudos da Religião**. n. 2. Ano 2003. pp. 56-74.